

O CANTO DO ACADEMICO

Semanario academico-litterario

ASSIGNATURA
Braga: mez 100 rs.: trimestre, 300 rs.
Provincias: trim., 330 rs.
Pagamento adiantado

Publica-se ás segundas-feiras
Braga, 27 de Março de 1893

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua de Santa Margarida
N.º 66

A academia de Braga e D. Fr. Caetano Brandão

A academia de Braga tem uma historia. Uma historia que escripta, daria volumes. Do seio d'ella tem sahido estudantes com um nome quasi nacional.

E hoje se não sahem, é por que o tempo da mocidade é pouco para estudar os programmaes dos governos.

Todos os annos faz ella com que «os echos da Iberia, repercutam o seu canto» de patriotismo e amor da independencia.

E nas paginas d'essa historia, que ainda ninguem se lembrou de escrever, desejava a actual academia, visto ter occasião para isso, gravar uma nota brilhante—era a celebração do centenario da distribuição dos premios pelo immortal **D. FR. CAETANO BRANDÃO**, por esse sabio e santo prelado que é capaz de inspirar as maiores virtudes que podem ennobrecer o homem na terra.

Pois bem: apezar da nobre e alevantada ideia da academia, ao mesmo tempo que encontra quem a cubra de applausos, encontra tambem infelizmente quem a censure e possa julgar por este facto instrumento de qualquer «especulação»!!...

Em frente d'isto, ainda que custando-lhe, julga ella mais prudente declinar da sua missão. Mas, lembrando-se depois da generosidade e sentimentos do povo de Braga, alenta-se e promette fazer unicamente aquillo que puder.

Trabalha muito, é verdade, mas em seis dias (em tantos quantos Deus creou o mundo) insereve, apezar de muitos, na historia da academia bracharense uma das

mais brilhante, senão a mais brilhante, das suas paginas.

Eurico de Cirtéa.

A UMA DEUSA DA VOLUPIA

Tu eras bella: olhar azul...
Cabellos loiros... tez mimosa...
Vivas colorações de rosa
Sobre o teu busto de neve...
Branco da neve
Que reflecte os poentes cor de rosa

E, então, amava-te, eu, amava
Com todo o enlevo d'um amante.
Correspondido a todo o instante...
E quando eu ia vêr-te às tardes,
Aquellas tardes
Pareciam-me apenas um instante!

Vi-te, depois de curta ausencia,
Sorrir a todos, sem corar.
Co'a graça audaz de lupanar...
E offerecer-me a tua casa...
E a tua casa
Era effectivamente um lupanar!...

S. Julião do Calendario, 29 de agosto de 1892.

M. Gonçalves Cerejeira.

Eu adoro aquelle olhar sereno
da minha doce amada,
cujo fulgor divinal e ameno,
parece d'uma fada.

Teu rosto pequenino e moreno,
mulher idolatrada,
faz-me lembrar as virgens d'além-Rheno,
cantadas na ballada.

Como gosto de ver o teu sorriso
cheio d'amor e de luz
d'um coração tão casto a florir!...

Enche-me de prazer a tua bondade,
bondade que seduz,
meu coração não cheio de mocidade.

Quadros á penna

(Ao meu amigo Francisco Duarte)

I

Tarde de verão. O sol rubente desaparece no longe no horizonte afogueado e tincto de sangue, atufando-se nas glaucas e alterosas vagas.

As nuvens perpassam celeres como revoadas de corvos assoladores.

Retumbam as praias com ingente tufão; e o mar acapeliado remuge com todos os pégos; as aves marinhas despedem gritos estridentes, gritos plangentes!...

Mar fora eleva-se até aos astros a celexuma dos marinheiros que se vêem abalancados na furia insana das aguas, que ora setornam em montanhas colossaes, ora em precipites e medonhos sorvedoiros que ameaçam devoral-os.

Assômbro!...

Um como estupor me percorre as veias ao ver-me diante d'uma das scenas mais grandiosas e sublimes que ostenta a natureza,—a lucta dos elementos em toda a sua plenitude.

II

Noite. Milhões de estrellas tremulas, lucilantes começam d'accender-se no firmamento; a algida lua campeia triste e melancholica além por entre as plumbeas e adelgaçadas nuvens, como que enviando ternos e saudosos beijos ao seu ruidoso amante—o mar.

E entretanto que o mar se espoja n'uma lascivia provocante, indefinida, na solitaria praia, bafejada pelas tepidas e embalsamadas virações do sul, passa-se uma scena tocante, edificante!...

Duas mulheres permanecem ahí olhando o mar.

Uma tem os cabellos brancos, muito brancos, como a alva espuma do Oceano...

A outra tem-nos negros como o longinquo horisonte...

Os olhos d'uma são d'um azul desbotado e sem lume... Os da outra são d'uma expressão singular, d'um azul fulgurante como o das saphiras.

A mais nova, a de cabellos pretos, banhada em lagrimas, ora se abraça na mãe que n'uma dôr muda e silenciosa a contempla, ora n'uma carreira vertiginosa tenta arrojarse a esse gigante que se espreguiça a seus pés, e roubar-lhe aquelle a quem tanto amava e que ha bem pouco tempo vira esconder-se para sempre!...

—Minha mãe, dizia ella—com uma voz doce e vibrante, com uma d'essas vozes que tem o mago condao de retirar em nossa alma e que nunca mais esquecem—minha mãe, nunca mais o

verei!... e contudo... e desatava n'um choro convulsivo, lancinante!...

— Animo — murmurava ella—que eu não quero que tu me faltes, filha da minha vida!

E inertes, abraçadas uma na outra, cahiram pór terra, para não mais se levantarem!...

Não muito depois levantou-se um grande mar, que raivando furioso se precipita sobre os dois cadaveres, como leão sobre a presa.

E quando o grande escaecão n'uns roucos frementes descahiu, viu-se um momento boiar á sua superficie, duas mulheres abraçadas uma na outra... uma de cabellos brancos, muito brancos, como a alva espuma do oceano, a outra de cabellos negros, muito negros, como o horisonte longinquo, — duas mulheres que tiveram, por camara ardente, o firmamento, onde cada vez se accendiam mais estrellas, por carpideira a procella que vivava rouca e pór sepultura o imo seio do Oceano!...

Triste, bem triste quadro este!

Braga 24—III—93.

Augusto Passos.

SÓ ELLA...

Não sejas triste, ó anjo! os labios qu'ridos
Deixa o sorriso abrir...
Os suspiros do teu peito saudoso
De Dor me vem cobrir...

Não chores, Emília! que os olhos teus
Jámais conhegam a dor...
Mas diz-me: ainda não leste nos meus
O meu infinito amor!

Eu só esmofo d'esses olhos teus
Um olhar inebriante...
E depois morrerei, se o quizer Deus,
N'um sonho terno, amante!...

Oderlin Zornse.

RETALHOS

III

Como é de prevêr, meus senhores, no meu quarto de estudante não ha mezas envernizadas.

Escrevo sobre uma banca de pinho, um pouco accidentada e irregular na superficie por causa do caruncho.

Por fórma e de maneira que, para não furar o papel com o appar, tenho estendido um jornal sobre a meza, para n'elle assentar o papel em que escrevo.

E casualmente, lanço os olhos ao titulo do jornal e leio—«A Palavra».

Agora mesmo pergunto eu como me veio ter ás mãos tão conspícua gazeta... Nada! não sei como ella veio aqui parar... Seja como fôr, em todo o caso, fiz-me bastante geito, ao menos para escrever em cima d'ella; porque, se

fosse outro jornal, depois de o ter lido com a devida attenção, guardava-o cuidadosamente na minha estante.

Além d'isso, tem ainda outra utilidade: é que em casos de necessidade, é necessaria... esta folha.

Ah! já sei... E' o numero do dia 16 de março. Foi um academico meu amigo que me deu ha dias este exemplar, recommendando-me a correspondencia de Braga—porque me interessava,—dizia elle.

Effectivamente lá vinha uma soberba critica ao conto—«A Monja», publicado no numero 1 do «Canto do Academico».

Pareceu-lhe ao auctor d'«A Monja», que seria melhor não fazer caso. Observaram-lhe, porém, quem cala, consente...

Já não é cedo, bem o sei, mas contudo ainda não vem fóra de tempo algumas considerações suas.

«A Monja» produziu não sei que prurido ou comichões no correspondente d'«A Palavra», a ponto de elle affirmar que no tal conto ha ignorancia e calumnias a respeito da maneira como procedem os missionarios nas freguezias ruraes, e da vida dos conventos.

A isto responde o auctor d'«A Monja»—que o substancial do seu conto é copiado do natural, refere-se a factos que elle mesmo tem presenciado em algumas aldeias do Minho, tomando para modelo a vida d'uma rapariga que, induzida pelos jesuitas, abandonou o lar paterno e o eleito do seu coração para ir viver entre as paredes d'um convento, onde a saudade dos entes que amava e aquella atmosfera morbida e viciada, sem ar, sem luz e liberdade sufficientes, lhe abafavam no coração as suas mais ardentes aspirações juvenis, occasionando-lhe um incomportavel martyrio, cujo epilogo foi a phthisica e a sepultura.

E como isto são factos que o auctor d'«A Monja» tem presenciado n'algumas freguezias ruraes do Minho, e muitas mais pessoas terão tido occasião de presenciar, de nada vale a zanga do conspícuo correspondente da «Palavra», porque—contra factos não ha argumentos...

Também se mostra um pouco linguareiro, o que não é proprio de uma pessoa bem educada, em embrulhar no seu apontado de palavras o nome respeitavel d'um illustre homem de sciencia, a proposito de tão pouca coisa, suppondo que o auctor d'«A Monja» obedeceu, ao escrevel-a, a suggestões alheias...

Se não gostos d'«A Monja», esvurme toda a bilis sobre ella e o seu auctor, mas se quer passar por bem educado, não fareje n'es-

se conto occasião de trazer á baila da intrigalhada irritante o nome bem conhecido d'um illustre homem de letras, o qual nada tem com isto.

E que tal lhe apparece o *melro*, como v. ex.^a, não sei se rev.^{ma}, senhor correspondente d'«A Monja».

Talvez o julgue de bico amarello...

Pois, olhe: creio que se engana, permitta-me que lh'o diga.

Está me parecendo a mim que elle tem o bico vermelho...

Braga, 25 de março de 1893.

M. Gonçalves Cerejeira

Humores

Que vida tão cruel, tão infeliz, tão dura
E que sorte molina esta alma agora tem!
O peor é esta sede hydropica, esta secura,
E não possuir de meu, no bolso, um só
vintem.

Ó Christo, tu que tantos milagres fizeste,
Tu que a agua converteste em vinho sa-
lutar,
Permitte-me o dizer-te: um erro commet-
teste
Pois devias pôr em vinho, inteiro, todo o
mar

Mas como de tal licôr o homem rodeado,
Seria o mundo um cahos, um cataclismo
até...

P'lo menos convertesses o Deus poderoso
Todas as aguas do erbe em simples agua
pe

Mas, oh! deixemos estas reflexões ingé-
nuas.

Já que tal não virá nem tal arconteceu.
Bruco agora, mas mal starei quando S.
Pedro
Bradar: alto lá!... não entra!... á por-
ta do céu.

F. D.

(A ELLA)

Como a noite constellada
se bamba em pleno luar,
vae min' alma enamorada
bambalar-se no teu olhar.

E na fresquidão das aguas,
na espuma cheia de alvor,
deixo afogadas as nuaguas,
pensando em ti, meu amor.

É vejo apenas boiando
por sobre o mar todo cheio
da brisa ao sopro tão brando
o teu e o meu coração.

São como cysnes na alvura,
são brancos como o luar,
pombas cheias de doçura,
deslisando sobre o mar!

São dois flos da cadeia
que liga a minha esperança
que sempre e sempre vagueia
entre a saudade e a bonança.

Podessemos nós subindo
do espaço pela amplidão,
irmos contentes unindo
o teu ao meu coração!

Braga, 44—3—93.

J. A. M

PERFILISANDO

Augusto Granjo. —

Quasi que não posso fallar d'este meu collega, sem me lembrar logo do seu genio alegre e expansivo que tanto o distingue e caracteriza.

Jovial e prazenteiro, & impossivel sustentar com elle uma conversação, sem que não produza a mais completa hilaridade. Ri, faz rir um santo e já se riu do diabo.

E' de estatura regular e um pouco envolto em carnes. O seu rosto é sympathico, transparecendo n'elle um rosado de cosinheira.

Isto emquanto ao physico; agora emquanto ao moral.

E' muito susceptivel a commoções e impressões moraes, onde faz rebrilhar sempre a mais pungente saudade, pela idade infantil.

Lembra, com pena, os tempos em que alegre e brincalhão percorria os canteiros do jardim da sua Avó, bifurcado n'um pau de vassoura já gasta, que lhe servia de cavallinho... os tempos que com os rapazes da escola, a occultar de seu pae, passava jogando o *Rou-rou*, e a *Cabra-cega*. etc.

Mas agora a sério: Como estudante é excellente; como amigo, não conheço melhor; como rapaz, enfim, é um typo de cordura e sensatez, convenientemente alliada com a mais franca jovialidade e condescendencia.

Arnaldo Mendo. — E'

um rapaz que ainda que um pouco triste e solitario, tem tanta doçura nas suas expressões, e tanta amabilidade para com os seus companheiros, que lhes algema e captiva o coração.

Tudo lhe augura um ridente porvir: além de avultados bens de fortuna que possui, tem numerosos dotes intellectuaes, destacando-se d'entre estes as suas aptidões litterarias, como já diversas vezes o revellou.

Receio omitir-lhe qualquer chaluça, porque sei que só obteria por paga d'isso um d'esses sorrisos frios e desdenhosos.

Eurico de Cartão.

NAS CIDADES

Nos monturos as pódras meretrizes
Dão os labios a um pallido bacheante
Num amor contrafeito, coruscaute,
Com mais arte talvez do que as actrizes...

E da sciencia os *sabios* aprendizes
Que riem da justiça fulgurante,
Defendem um *pharol* ludibriante,
Da velha monarchia as *cicatrices*...

Mas os novos com fachos luminosos
Traçam a longos passos gloriosos,
O Progresso e a futura Liberdade!

Nas salas, nos cafés, e nas orgias
Dão fraternos abraços qu'alegrias
Elles seatem em sancta egualdade!...

M. Oliveira

ALVORADAS D'AMOR.

A Manoel Elycio

Foi uma manhã ao romper dos primeiros clarões do sol jovial de primavera, que os dous namorados fizeram os mais rasgados idyllios no jardim, para compensarem uma *abstinencia* torçada d'algumas semanas, que a familia impunha a Sylvia.

Caprichos de paes que não avaliavam as torturas—porque aquelles corações de namorados iam passar, sujeitando-os a uma *abstinencia d'amor*—digamos assim.

Eram amores nascidos na infancia sem nunca soffrerem um revez, mas que agora iam experimentar o primeiro.

O Antoninho era o que mais convinha á familia de Sylvia, e no entanto esta amava mais o seu querido João, a quem dedicava o mais acrisolado e ardente amor.

Esta manhã que descrevo, tinha recordações que não podiam esquecer: ainda na vespera, pela calada da noite, ella debruçada no peitoril da janella e elle da rua, *gargarejaram* doces amores, e logo de manhã outra vez reunidos para continuarem seus idyllios.

Ah! é bem certo — quem tem amores não dorme,— e eu creio. Desde que os gallos cantaram, ella não tornou a cerrar as palpebras mimosas; ficou-se a pensar no namorado que todas as tardes lhe passava debaixo das janellas, fazendo requiebro de Romeu bohemio mas apaixonado.

Rompeu o dia; Sylvia correu apressada ao jardim para esperar alli por elle, emquanto que a familia dormia o somno da madrugada: queria narrar todas as confidencias ao João, e aquella hora era a mais aprasivel para ambos, não a podiam perder.

O sol surgia como a medo, espreitando por entre a folhagem do arvoredor os doces namorados: Sylvia cortou uma rosa-chá, collocando-a gentilmente na *boutonnière* do João; foi por isso que elle, para mais poetisar essa entrevista tão lembrada, lh'escrevera no leque:

O bom sol madrugador,
Ia surgindo alegremente
ás portas do Oriente,
em sorrisos de fulgor;

e logo de madrugada
colhendo mimosa flôr,
no jardim, Sylvia amada,
esperava o seu amor.

É que amores tão felizes! Ella com suas graças d'innocencia pura e com seus sorrisos castos, fazia nascer no coração do joven namorado o desejo mais ardente, e o amor mais sincero e puro.

Quem se não deixaria seduzir por aquelles sorrisos embriagantes de fada?

Por aquelle olhar sereno, paciente, calmo e bondoso?

E depois aquellas caricias de virgem a que elle não podia resistir, ainda mesmo que quizesse esquecer os sublimes sentimentos d'amor.

Não podia esquecer; havia de lutar contra as caturrices da familia de Sylvia, porque o amor não se renega assim facilmente, desde que se arreiga profundamente no coração.

Ella pelo seu lado tambem lutava e tinha a certeza de que vencia todos os obstaculos: era preciso trabalhar, e foi para isso que os dous namorados se reuniram no jardim n'aquella manhã, para concluirem a empreza.

O juramento entre elles já estava feito, agora era simples formalidade: ella tinha de partir para ceder ás exigencias paternaes, mas queria, antes de tudo, narrar as suas confidencias ao João.

Isto era de manhã: um campo-
neiz de cabellos nevados, que pas-
sava, saudou os dous jovens cor-
tezmente, pronunciando—Deus os
ajude—como é de uso na pragma-
tica popular. Sylvia, depois de res-
ponder á saudação do bom velho-
te, acrescentara baixinho, malicio-
samente, sorrindo—sim, Deus nos
ajude a ir breve ao pé do altar.

Tinha pressa de confirmar a união, para alliviar as torturas do coração.

—O sol corre apressadamente no espaço, dizia ella para João, e as horas passam velozes; é preciso que nos retiremos: está a chegar o momento da partida... agora peço que te não esqueças. A mim encontrar-me-ás sempre firme para lectar pelo nosso amor. Acompanhar-me-ha o teu retrato aqui dentro, vê, para escutar os meus segredos em toda a parte.

N'esta occasião, tirou de dentro do seio o retrato do João para lhe mostrar a estima em que o tinha, e, quando dormia, deixava-o debaixo do travesseiro, para dormir junto d'ella.

Para que ha tantos cuidados com o meu retrato?... perguntava elle sorrindo. Para não *constipar*, dizia ella graciosamente.

E's um anjo Sylvia; cada vez sinto atear mais o fogo d'amor no meu coração, agora que temos de nos separar! Oh! venturosas alvoradas d'amor, como eu vos adoro!! Que viva recordação, que profundas saudades me deixaes na alma!

Rolaram as lagrimas nas faces dos namorados; cruzaram-se os olhares e uniram-se os labios levemente, para darem o beijo da despedida.

—Adeus Sylvia, não esqueças estas alvoradas... nem as trovas que tantas vezes te dediquei.

—Adeus, João, não esqueças estes amores

Quando partiram.

Uma rouxinol jovial,
amigo do trovador,
dedicou um madrigal
às alvoradas d'amor.

P. Bastos.

A virgem

A João La Queva de Chaby

Laura era a mais bonita e a mais engraçada das raparigas da sua aldeia.

Tinha a gentileza d'uma imagem radiante, um corpo donairoso, uma mãosinha delicada a quasi transparente, um pésinho de sylphide e uns cabellos negros como ebano que se espalhavam á mercê da brisa, no seu collo de nacar e alabastro.

Na aldeia ninguem a conhecia senão pela boa Laura; filha de paes modestamente abastados, ella era o anjo protector dos infelizes que soffriam na indigencia e, esforçava-se sempre por alliviar os desgraçados a quem a miseria tornava mais pesado o já tão pesado fardo da vida.

Os pobres amavão-a e respeitavão-a; á sua passagem todos se descobriam saudando-a, e ella sentia-se feliz entre aquelles a quem tanto bem fazia, encantadora na sua simplicidade, despreocupada do futuro.

Ah! mas o futuro é inexoravel. Para uns a felicidade, a alegria, a riqueza, para outros então a dôr, a miseria, a fome.

Saberia Laura da existencia do futuro? Não, ella não conhecia nada além de Deus, seus paes e os seus pobres.

Mas a pomba innocente devia chegar em breve a conhecer todas as amarguras, todas as vicissitudes d'este pelago revoltoso chamado vida.

Um dia, era já de tarde, uma d'aquellas tardes lindas de primavera, em que os passarinhos entoam

os seus melhores cantos, em melodiosa orchestra, Laura depois de ter feito a visita quotidiana aos seus pobres, foi sentar-se á sombra d'uma arvore proxima, d'um pequeno regato e contemplava melancolicamente as aguas limpidas e puras como a sua alma, quando lhe pareceu ouvir o ruido dos passos d'alguem que se aproximava.

(Continua)

Oderfla Ziremse

A RIR

Entre estudantes.

—Não te resolves a pagar-me aquellas duas libras que te emprestei no mez passado? Estou n'uns apuros de tal ordem, que para mim, n'esta occasião, duas libras equivalem a quatro.

—N'esse caso toma lá uma libra e ficamos pagos.

E' para admirar como o telegrapho transmittê com tanta rapidez qualquer recado ou pedido!

—Pois olha, eu não acho.

—Ora essa! Porque?

—Porque ha mais de um mez que mandei um telegramma a meu tio a pedir-lhe vinte mil reis, e até agora ainda não recebi real!...

Emprestas-me uma libra?

—Aqui não tenho.

—E em casa?

—Estão bons muito obrigado.

Duas damas muito conhecidas pelas suas frequentes galanterias, altercavam ao jogo. Alguem lhe perguntou o que jogavam.

—Pela nossa honra, cavalheiro!

—N'esse caso, minhas senhoras, acho que fazem muito barulho por tão pouca cousa.

Andava em jornada um inglez. Na occasião em que se preparava para entrar em uma diligencia, chamou um homem, e incumbiu-o de subir para sobre o tejadilho do vehiculo as duas malas, que o acompanhavam, e que eram pesadissimas. Depois, quando ia para pagar aquelle trabalho viu, que tinha perdido ou lhe haviam roubado a bolsa do dinheiro.

—Volta-se para o homem, e diz-lhe fleugmaticamente.

—Não trazer dinheiro; *mi* não querer vossemecê trabalhe *gratis* para eu. Põe malas outra vez no chão.

Professor—Diga-me de que é feita a sua jaqueta.

Discipulo—De lã, snr. professor.

Professor—Bem. De que modo se obtem a lã? é producto d'algama arvore?

Discipulo—Não, snr. professor; a lã é produzida pelo carneiro.

Professor—E portanto o animal, a que deve a sua jaqueta, é...?

Discipulo—E' meu paé, snr. professor, foi elle quem m'a deu.

Em uma aula de Introeção á historia natural:

Professor—Apresente um exemplo de mamíferos desdentados.

Discipulos—Um exemplo... minha avó.

Foram decifradores do primeiro logogripho do numero antecedente os snrs. Manoel Barbosa de Brito, Affonso d'Alvim, e do segundo os snrs. Arnaldo Pereira Leite, José Baptista da Silva, Manoel Barbosa de Brito.

Decifrações das charadas novissimas do numero anterior

Caracara—Falua—Avelã—Caravela
—Pedante—Arado—Camarão.

Das electricas

Ara.

Premio—1 Romance em 2 volumes «O Rasto da Serpente».

LOGOGRIPHOS

Appellido singular—1—2—3—4—7.

Que *rege* uma *escosseza*...!—1—2—4—5—4—7.

Com este metal vulgar—2—6—7.
Ha canudo com certeza...!—4—5—1—7.

De certo querem conceito:—
Se procurarem com geito
Um appellido *escorreito*...
—Devem tirar bom proveito.

Chapsal § C.^a

Charadas novissimas

Este animal, este animal, é animal,
—3—2.

Titular no corpo, dá-se hoje muito—2—3.

Este instrumento, este arbusto, na Turquia.—1—1.

Na poesia este rio, é uma villa.
—2—2.

BRAGA

Imprensa do Collegio de S. Luiz

O editor responsavel

Manoel Antonio de Paiva